

## **Perspectivas de refúgio na construção do espaço cultural e político: o caso Al Janiah**

Clara Bastos de Macêdo Carneiro

### **1. RESUMO**

O presente artigo visa apresentar perspectivas de refúgio a partir de processos migratórios para a construção do Al Janiah, restaurante palestino e centro cultural localizado no território do Bixiga, na cidade de São Paulo. Para tanto, iremos situar historicamente o surgimento do local considerando o fenômeno imigratório de sírios-palestinos em 2015, tendo em vista a guerra da Síria, e consequente surgimento da ocupação Leila Khaled para abrigar algumas dessas pessoas. O Al Janiah nasce nesse contexto e por isso a relevância nas interligações.

Palavras-chave: Al Janiah; espaço cultural; espaço político; refúgio; processos migratórios.

### **2. APRESENTAÇÃO**

O presente trabalho traz um recorte do estudo de caso do espaço denominado Al Janiah, localizado no território do Bixiga, na cidade de São Paulo. A pesquisa tem como intuito investigar, através de sua história e do desenvolvimento de múltiplas ações e atividades individuais e coletivas, como o local se organiza como um Espaço Cultural e Político autônomo a partir de uma perspectiva de refúgio de migrantes e pessoas em asilo político no Brasil, considerando, para tanto, o momento histórico em que se compõe a sua trajetória e suas ligações com outros espaços de abrigo na cidade de SP.

Idealizado e gerenciado por Hasan Zarif, gaúcho, filho de refugiados palestinos naturais do vilarejo de Janiyah (جانيه), no centro da Cisjordânia, a noroeste de Ramallah, que faz parte dos Territórios Palestinos Ocupados por Israel, o Al Janiah foi inaugurado oficialmente na virada do ano de 2015-2016 sob a classificação econômica de casa de shows e restaurante, este especializado em cozinha Árabe.

Contudo a finalidade desta pesquisa traz para si temáticas que visam avaliar a sua

existência para além das suas relações estritamente relacionada às atividades artísticas e da culinária árabe comercializada no local, mas busca abranger sua localização numa perspectiva cultural ampla, de refúgio e abrigo, no raciocínio de que “Desde Max Weber, a cultura é entendida como capaz de contribuir para o desenvolvimento das sociedades, sendo então apresentada como sistema de valores, de representações e de comportamentos, o que vai muito além do campo das artes” (GREFFE, 2016. p. 09).

Esse tema se trata de um dos subcapítulos a serem elaborados na dissertação em desenvolvimento no mestrado em História Econômica. A abordagem tem o intuito de inserir os fatos que compõem e dão corpo ao espaço num contexto histórico, através de um recorte temporal que parte de 1948 até os dias atuais, marco que abarca tanto o catastrófico êxodo palestino, Al-Nakba, mas também o início de um forte processo migratório para a cidade de São Paulo, nesse caso, mais precisamente no ano de 2015. Esses processos serão de importante marcação na pesquisa pois grande parte das pessoas que trabalham e habitam o Al Janiah são formados por refugiados, imigrante e migrantes, e o processo de abrigo fornecido pelo espaço a partir desses fluxos é parte integrante e crucial para a documentação histórica que será levantada.

A abordagem por meio da temática do refúgio, neste estudo, é inserida como importante ponto a ser considerado na pesquisa, destacando-se, dentre outros, o seu papel de preenchimento de uma lacuna estatal, em essência responsável pelo gerenciamento executivo da legislação das pessoas em situação de refúgio político, incluindo-se aí direitos básicos como o de habitação, o de alimentação, o de saúde, dentre outros atinentes à dignidade da pessoa humana. A hipótese é a de que o Al Janiah, contribuindo com essas ações, permite que pessoas (para além de coisas e lugares que cada uma das pessoas carrega consigo) tenham suas existências reconhecidas por serem detentoras de uma trajetória que lhes é peculiar e, portanto, passível de força histórica.

Para situar teoricamente tal questão, referencio o livro “O Estranho e o estrangeiro”, que contém um ensaio do filósofo Giacomo Marramao, onde encontramos uma proposta de estudo sobre os processos migratórios e diaspóricos. Nesse sentido, apresenta o seguinte:

“A própria rede, em última análise, não é nem um sistema nem uma sociedade, não dá origem a uma esfera única, homogênea e unidirecionada de forma cosmopolita, mas a um espaço labiríntico composto por uma pluralidade excêntrica de esferas, de novas

“comunidades imaginadas” que, mesmo operando localmente, se coagulam com base em lógicas transterritoriais e “diaspóricas” (MARRAMAO, 2020, p. 27)

Aqui interessam tais questões pois a comunidade imaginada que se forma para a construção do Al Janiah, este mesmo fato materializado em espaço físico, parte de múltiplos encontros não necessariamente “historicizados” ou compreendidos numa meritocracia histórica que os eleva a alguma categoria mais ou menos relevante a nível historiográfico e nem a dados sociais e econômicos a serem investigados a partir desse acolhimento, significando dizer espaço de refúgio, ainda que no campo de uma certo entendimento de informalidade.

A partir de uma publicação fora dos anais e fontes bibliográficos formais, mas nas redes sociais, importante veículo de difusão de informação, assim atualmente considerado, o espaço foi criado tendo a seguinte finalidade:

“[...]O Al Janiah será um espaço cultural, um ponto de encontro, um foco para conversas, para debates, reflexões e, claro, festas, como rituais de resistência, que reforçam o senso de energia e de identidade. Al Janiah será também um ponto de culinária árabe, dos palestino-sírios que chegaram ao Brasil. Ali, no esforço conjunto, uma bem-sucedida iniciativa que mistura a necessidade de adaptar-se a um novo país fugidos de uma guerra, jamais ignorando o legado que aprenderam em campos de refugiados na Síria, vivendo longe da terra natal de seus pais e avôs. [...] Ali, de diferentes regiões, por caminhos diferentes do refúgio, eles se encontram para trazer a memória e o espírito da Palestina [...] como disse Edward Said “todos nós estamos nadando nessas águas ocidentais... E, como as águas fazem parte do oceano da história, tentar ará-las ou dividi-las com barreiras é inútil”.

( Postagem-convite publicado no Facebook do Al Janiah, em 30 de dezembro de 2015)

A pesquisa, portanto, também considera que no Al Janiah podem-se encontrar contextos que unem e identificam as pessoas envolvidas no seu processo de construção a partir de diferentes vivências, considerando, inclusive os fatos que as afastam uma das outras: seus diferentes países de origem; famílias; língua natal etc, a fim de entender o papel cultural, político, econômico e social que o espaço, de maneira autônoma, exerce em proporcionar material e simbolicamente bases para encontros, reuniões, apresentações

e manutenções de causas políticas e sociais vivas que quedam, mais uma vez, em refúgio no viés de acolhimento e proteção. Nesse ponto, a hipótese é a de que o espaço possa ser compreendido como de resistência, cultural e política, considerando que as pessoas que o atravessam trazem consigo memória e histórias que assim o são.

Jeanne Marie Gagnebin em sua obra *Lembrar escrever esquecer*, se vale de Theodor W. Adorno, que junto a Walter Benjamin contribuem muito para o debate sobre lembrança e esquecimento. Afinal existem acontecimentos que, possivelmente, desejamos individualmente esquecer, como, exemplificativamente, os horrores vistos por alguns dos refugiados que trabalham ou se relacionam com o Al Jannah e que já presenciaram amigos, pais, mães, irmãos, filhos serem mortos diante de seus olhos. A barbárie não pode ser esquecida e a memória não é só mental, mas está registrada em corpo através de cicatrizes e maculações físicas, mas também em vestes e “modos” que remetem à diversidade e à processos de transformação cultural.

A questão da diversidade cultural, já que o refúgio de diversas pessoas, oriundas de lugares diferentes, é uma das bases de sua atuação, traz à tona as multiculturalidades ali presentes, algo que funciona como motriz identificadora, a partir das divergências, dentro do espaço. Essa identificação não significa um núcleo rígido e nem ocorre de maneira “natural”. A hipótese é de que a vontade de manutenção das diferenças, em respeito às individualidades, seja um dos pontos que permite que o Al Jannah, além de lugar de trabalho para alguns, seja também abrigo para muitos e local de vigor político para a Cidade.

Assim sendo, o reconhecimento de histórias semelhantes, mas nunca iguais, é mais um dos pontos importantes a serem considerados dentro dessa perspectiva de refúgio. Gagnebin cita Adorno mencionando que “uma pedagogia emancipadora geralmente só atinge aqueles que já estão abertos a ideais emancipatórios, isto é, aqueles que não precisam, para sobreviver “se identificar” a qualquer custo “com o existente”, com o dado.”(p.103). Nesse ponto se reforça a força cultural e política do espaço.

Quando Nestro Cancline fala sobre a política cultural, em seu livro *Política cultural: conceito, trajetória e reflexões*, ele menciona o seguinte, endossando que faz parte de instituições civis e grupos comunitários, local onde podemos enquadrar o Al Jannah, esse papel:

“Conjunto de intervenções realizadas pelo Estado, pelas instituições civis e pelos grupos comunitários organizados a fim de orientar o

desenvolvimento simbólico, satisfazer as necessidades culturais da população e obter consenso para um tipo de ordem ou de transformação social (CANCLINI, 2019, p.56)”

Assim sendo, devem ser considerados as diversas atuações históricas, econômicas, políticas e sociais que podem ser definidoras de um espaço, através de um viés que ressalta o multiculturalismo existente na sua formação, considerando a forte identificação e construção a partir do acolhimento do “estranho e do estrangeiro”, fazendo mais uma vez menção ao livro organizado por Javier Amadeo e Olgária Matos.

### **3. GUERRA DA SÍRIA E MIGRAÇÃO FORÇADA: REFUGIADOS PALESTINOS-SÍRIOS**

No ano de 2011, dentro de um contexto da Primavera Árabe, temos o começo da Guerra da Síria, ante a uma série de protestos contra o governo de Bashar al-Assad, que atingiu cerca de 24 milhões de pessoas nos primeiros 5 anos, as quais tiveram que empenhar um processo diaspórico para sobrevivência, tendo em vista o contexto bélico aos quais estavam defronte.

Muitas dessa milhões de pessoas eram já refugiadas de outros lugares e precisaram encontra um novo local para receber abrigo, dentre ele o Brasil. Em relação ao Brasil temos que a maior parte destes refugiados que chegaram em 2015 tem origem palestina e faziam parte daqueles que haviam sido forçadamente deslocados no contexto da Al-Nakba, a catástrofe palestina na qual mais de 700 mil palestinos foram expulsos de suas terras na ocasião da criação do Estado de Israel (1948 – até os dias atuais). Para alguns dos mais velhos, o pouso em São Paulo representa um segundo, terceiro, quarto exílio, pois antes de se mudarem com as famílias para a Síria, eles viveram encurralados sob o fogo cruzado, sendo impelidos a se deslocarem para outros países.

Essa informação é respaldada pelos dados da agência da ONU no Brasil – ACNUR:

Em 2015 a ACNUR (Agência da ONU para refugiados) informou que o Brasil se tornou o principal destino de refugiados sírios na América Latina. Segundo estatísticas do Comitê Nacional para os Refugiados (CONARE), o país abriga atualmente cerca de 1.600 cidadãos sírios

reconhecidos como refugiados – o maior grupo entre os aproximadamente 7.600 refugiados que vivem no país, de mais de 80 nacionalidades diferentes. Como resultado desta tendência, o CONARE registrou em 2014 um recorde de 1.326 solicitações de refúgio feitas por cidadãos sírios (um aumento de quase 9.000% em relação ao início da guerra síria). Dentre os refugiados Sírios, muitos deles eram Palestinos, que já haviam buscado asilo em países vizinhos tendo em vista a ocupação de Israel, ocorrida em 1948, com a Nakba.”

(<https://www.acnur.org/portugues/2015/03/13/apos-4-anos-de-conflito-na-siria-brasil-lidera-acolhimento-de-refugiados-sirios-na-america-latina/>. Acessado em 20 de novembro de 2023.)

Assim sendo, esse fenômeno datado se alia ao ano e local de criação do Al Janiah, o qual nasce, enquanto ideia, dentro de uma ocupação habitacional de um prédio no bairro da Liberdade, em São Paulo, portanto Brasil.

O prédio foi ocupado em junho de 2015 pelo movimento Terra Livre para abrigar migrantes sem teto de diversos países e regiões brasileiras. O edifício de dez andares recebeu o apoio do Movimento Palestina para Todos (Mopat), liderado por Hasan Zarif e idealizador do Al Janiah. O Mopat é uma organização independente que visa acolher migrantes de diversos países, especialmente os árabes palestinos. Portanto, com a chegada, em 2015, de uma grande leva de refugiados oriundos de 28 cidades da Síria, todas destruídas pela guerra que afeta o país desde 2011, atuou como movimento de grande articulação de guarda dessas pessoas em situação de desterro, garantindo ao espaço, inclusive o nome Leila Khaled, importante ativista e integrante da Frente Popular pela Libertação da Palestina –FPLP.

Segundo o Ministério da Justiça e segurança pública, os desafios de acolhida de migrantes, refugiados e apátridas compreende os seguintes pontos:

- 1 - Acesso às políticas públicas de saúde para a população migrante, refugiada e apátrida;
- 2 - Acesso às políticas públicas de educação (ingresso e permanências em instituições de ensino públicas e privadas) para a população migrante, refugiada e apátrida;
- 3 - Acesso às políticas públicas de assistência social para a população migrante, refugiada e apátrida;
- 4 - Acesso às políticas públicas de trabalho, emprego e capacitação profissional para a população migrante, refugiada e apátrida;
- 5 - Capacitação dos agentes públicos locais para o atendimento da população migrante, refugiada e apátrida;

6 - Conscientização e sensibilização sobre o papel das comunidades de acolhida;

7 - Infraestrutura necessária para um atendimento integral à população migrante, refugiada e apátrida,

8 - Português como língua de acolhida e intérpretes comunitários.

Fonte: Portal de imigração: (Integração Local - Temas em discussão no GT – Eixo 2 - 2023)

Apesar de todos esses pontos, o que vislumbramos é uma falha na efetiva execução dessas diretrizes pelo Estado, fazendo com que espaços independentes, como o Al Janiah, aliados a outros espaços, auxiliem o Estado na garantia de direitos dessa pessoas em situação de desterro.

#### 4. CONCLUSÃO

A partir de todo o exposto, podemos indicar que o processo de construção do Al Janiah nasce nesse contexto de luta pelo refúgio, não só de asilados políticos árabes e palestinos, mas de diversas outras pessoas em situação de distanciamento da sua terra natal e de abandono público no que tange às condições de moradia, alimentação, trabalho e bem-estar social. Portanto, a construção desse espaço cultural e político se dá num contexto de resistência e de uma história que merece ter sua narrativa considerada, pela importância que tem para a comunidade. Finalizo com uma citação de Thomas Sowell, em seu *Migrations and Cultures: a world view*, em que diz que "The story of migration is not only about people who migrate but also about the lands to which they go and their impacts on those lands." (SOWELL, 1996, p.2).

#### 5. BIBLIOGRAFIA

ACNUR – Agência da ONU para Refugiados. Disponível em:<https://www.acnur.org/portugues/2015/03/13/apos-4-anos-de-conflito-na-siria-brasil-lidera-acolhimento-de-refugiados-sirios-na-america-latina/>. Acessado em dezembro de 2023.

ADORONO, Theodor W. HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

BENHAMOU, Françoise. *A economia da cultura*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2007.

XVIII Congresso de História Econômica:

Problemas, Objetos e Métodos

05 e 06/12/2023 – São Paulo, SP



BOURDIEU, Pierre. *A Distinção: crítica social do julgamento*. 2ª edição. Rio Grande do Sul: Zouk, 2011.

CANCLINI, Néstor G. *Política cultural: conceito, trajetória e reflexões*. Salvador: Edufba, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/32115/1/POLITICA-CULTURAL%20-%20RI.pdf>

CEVASCO, Maria Elisa. *Dez lições sobre estudos culturais*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.

CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas ciências sociais*. Lisboa: Fim de Século, 1999.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar escrever esquecer*. São Paulo-SP. Editora 34, 2006.

GREFFE, Xavier. *A Economia Artisticamente Criativa – Arte, mercado e sociedade*. São Paulo-SP. Editora Iluminuras e Itaú Cultural, 2016.

HALL, Stuart. *A identidade Cultural na pós-modernidade*. 12ª edição. Rio de Janeiro: Lamparina, 2020.

HALL, Stuart. *Da Diáspora: Identidades e mediações culturais*. 2ª edição. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018.

HARVEY, David. O espaço como palavra-chave. *GEOgraphia*, 14(28), 8-39. <https://doi.org/10.22409/GEOgraphia2012.v14i28.a13641>, 2013.

HOURANI, Albert. *Uma história dos povos árabes*. São Paulo: Companhia da Letras, 2006.

MARRAMAIO, Giacomo. Signos dos Tempos: sobre a lógica dupla no mundo global. *In*: AMADEO, Javier; MATOS, Olgária (org.). *O Estranho e o estrangeiro: ensaios sobre a contemporaneidade*. 1. ed. São Paulo: Editora Unifesp, 2020.

PAPPÉ, Ilan. *A limpeza étnica da Palestina*. São Paulo: Editora Sundermann, 2016.

Portal de imigração: Ministério da Justiça e segurança pública (Integração Local - Temas em discussão no GT – Eixo 2 - 2023). Disponível em: <https://portaldeimigracao.mj.gov.br/pt/eixo-2-integracao-local>. Acesso em dezembro 2023.

SAID, Edward W. *A questão da Palestina*. São Paulo: Editora UNESP, 2012.

SOWELL, Thomas. *Migrations and Cultures: world view*. New York: Basic Books, 1996.

TROUILLOT, Michel-Rolph. *Silenciando o passado*. Curitiba-PR. Huya, 2016.

WILLIAMS, Raymond. *Cultura e materialismo*. São Paulo: Unesp, 2011.